



Nº 33 - ABRIL 2022

REVISTA

RECONEXÃO PERIFÉRIAS

FOTO: AG BRASIL



Periferias em luta por terra e moradia

**Jatuarana: a luta
às margens do
Amazonas**

**Ruth Venceremos:
uma drag negra na
política**

AGENDA DE LUTAS ABRIL DE 2022



FUNDAÇÃO
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores



Periferias do campo e da cidade: em luta por terra e moradia



FOTO: CILA REIS

No mês de abril, especificamente no dia 17 deste mês, em 1996, o Brasil foi cenário de um dos mais covardes e brutais massacres já realizados, em Eldorado do Carajás (PA). A Polícia Militar invadiu um acampamento com mais de 1500 famílias e, em posse de fuzis e metra-

lhadoras, atirou contra todos e todas. Foram 21 pessoas sem-terra assassinadas nesta ação. Mas se o objetivo era intimidar e acabar com o movimento, não conseguiram. O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), segue sendo um dos mais significativos do país e fez da

data um marco de luta, realizando, ano após ano, o “Abril Vermelho”, sua jornada de lutas anual que não deixa o caso ser esquecido e reivindica por uma reforma agrária.

Por conseguinte, movimentos do campo e da cidade se unem neste mês pelo direito de todos e todas de terem um

PROJETO RECONEXÃO PERIFÉRIAS ■ **DIRETOR RESPONSÁVEL** ARTUR HENRIQUE DA SILVA SANTOS ■ **COORDENADOR DO PROJETO** PAULO CÉSAR RAMOS ■ **EQUIPE** ISAÍAS DALLE, JAQUELINE LIMA SANTOS, JULIANA BORGES, LÉA MARQUES, MATHEUS TANCREDO TOLEDO, SOFIA TOLEDO, VICTORIA LUSTOSA BRAGA, VILMA BOKANY ■ **COLABORADORES** SOLANGE GONÇALVES LUCIANO, THIAGO SILVEIRA, WEBER LOPES GÓES ■ **EDIÇÃO** LÉA MARQUES E ROSE SILVA ■ **REVISÃO** ISAÍAS DALLE ■ **PRODUÇÃO EDITORIAL** CAMILA ROMA ■ **PROJETO GRÁFICO** CACO BISOL ■ **DIRETORIA EXECUTIVA DA FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO** ALOIZIO MERCADANTE (PRESIDENTE), VÍMIAN FARIAS (VICE-PRESIDENTA), DIRETORES: ALBERTO CANTALICE, ARTUR HENRIQUE, CARLOS HENRIQUE ÁRABE, ELEN COUTINHO, JÉSSICA ITALOEMA, JORGE BITTAR E LUIZ CAETANO

lugar para viver e morar. Em sintonia com essa agenda, a **Revista Reconexão Periferias** de abril abre suas páginas para dar visibilidade a essa pauta, com a convicção de que a concretização de uma Reforma Agrária no Brasil é urgente, uma vez que ter direito a terra e moradia são pontos inegociáveis para a construção de uma sociedade menos desigual e com justiça social.

Na conjuntura em que vivemos, de aumento da fome e da pobreza, a reforma agrária é um primeiro passo a ser dado, já que sem terra de qualidade para produção não há como garantir alimentos para a população brasileira. Assim, o Estado brasileiro deveria garantir terra, assistência técnica, financiamento e comercialização para quem quer plantar através da agroecologia e também ter políticas de defesa dos territórios de comunidades tradicionais, como indígenas e quilombolas. Mas o governo Bolsonaro faz o oposto. Incentiva o agronegócio, persegue

e retira direitos de comunidades tradicionais, aprofundando uma orientação econômica de privilegiar ainda mais os mais ricos, e deixa as periferias, do campo e da cidade, cada vez com menos direitos e com mais dificuldades para lutar por sua sobrevivência cotidiana.

Apresentando a realidade da Comunidade do Jaturana (Manaus, AM), militantes e ativistas deste território assinam um artigo sobre a construção da organização popular e da luta como estratégias para superar a invisibilidade do projeto capitalista nas margens do Rio Amazonas.

Na entrevista do mês, temos Ruth Venceremos, drag queen negra que despertou para a política e assumiu publicamente sua sexualidade ao longo de sua militância no MST, onde chegou com a mãe e 11 irmãos após a primeira infância de escassez e de fome. Ruth é pedagoga, formada pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, e

participou da fundação do Coletivo LGBTQIA+ Sem-Terra, numa trajetória marcada pela luta em prol da liberdade e da aceitação dentro dos próprios acampamentos e assentamentos do MST.

Em sua fala, afirma ser impossível dissociar questões de raça, cor e sexualidade das questões da classe trabalhadora. Mas afirma que também não quer sempre ter que falar só desse assunto, ou, em suas próprias palavras “Queremos debater economia, por exemplo. Nós não queremos só ser convocados para fazer o debate da racialidade ou sobre a diversidade. Nós somos muito mais”.

O perfil do coletivo apresentado nesta edição é do Movimento Popular por Moradia (MPM), que luta por condições dignas de habitação e uma vida sustentável na região metropolitana de Curitiba (PR). De acordo com Paulo Bearzoti, professor e um de seus fundadores, o movimento surgiu para dar visibilidade a uma população que precisa

enfrentar muitos problemas no seu dia-a-dia. A atuação específica sobre a questão da moradia se faz porque, segundo ele, “é em cima de suas urgências que as pessoas se organizam e lutam nos territórios”.

Na seção “Quando novas personagens entram em cena”, batemos um papo com Alexandre Xandó, mais jovem vereador da cidade de Vitória da Conquista (BA). Ele afirma que ser um vereador originário dos movimentos sociais é algo que tem modificado a dinâmica da política municipal e regional. “Geralmente os mandatos de vereador atuam em torno de seus guetos eleitorais e pautas específicas. Já a gente fala de tudo e vai em

todo lugar. Enquanto a lógica predominante é de pensar em quantos votos aquela pauta pode trazer, nós movimentamos nosso mandato pensando em quais processos de conscientização, organização popular e luta por direitos nós podemos construir”, diz.

Por opor interesses e valores tão fortemente distintos - de um lado a vida, a democracia e a coletividade, e, de outro, o lucro privado acima de tudo e de todos - a luta pela terra e por moradia faz explodir conflitos violentos. O Reconexão Periferias entende que por trás de cada militante sem-terra ou sem-teto agredido ou morto, por trás de cada família que é impelida a sair do

campo para a cidade ou que é despejada de sua casa e acampamentos há uma realidade de vida precária, de sonhos e potenciais não realizados e de negação de direitos. É tarefa dos movimentos e partidos da esquerda brasileira oferecer saídas concretas para este dilema. Não podemos permitir que governos como o de Jair Bolsonaro, que autoriza as chacinas e fomenta a violência, sigam sendo eleitos. A construção de alternativas reais, que incluam as periferias do campo e da cidade, precisa ser colocada em marcha e no poder.

Boa leitura!

Boas lutas! ■

FOTO: HOMERO LACERDA



Organização e luta para superar a invisibilidade do projeto capitalista

NARCISO NUNES FERREIRA, MARCOS ROBERTO BRITO DE CARVALHO, MARIA AUXILIADORA DOS SANTOS REIS E LINDOMAR DE JESUS DE SOUSA SILVA



COMUNIDADE DO JATUARANA. FOTO: HOMERO LACERDA

NARCISO NUNES FERREIRA É PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO DE AGRICULTORES E FAMILIARES DA COMUNIDADE RIBEIRINHA TRADICIONAL DO JATUARANA

MARCOS ROBERTO BRITO DE CARVALHO É ECONOMISTA E ATIVISTA SOCIAL

MARIA AUXILIADORA DOS SANTOS REIS É FOTÓGRAFA

LINDOMAR DE JESUS DE SOUSA SILVA É SOCIOLOGO, DOUTOR EM DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO TRÓPICO ÚMIDO, PESQUISADOR DA EMBRAPA AMAZÔNIA OCIDENTAL, MANAUS, AM

O início da colonização da Amazônia, com a chegada dos portugueses, fundou um novo momento na história dos povos autóctones, com a introdução da mercantilização da natureza, empreendida com biopirataria, grilagem e pilhagem dos recursos naturais por grandes grupos econômicos.

A invisibilidade das comunidades existentes na região foi oficializada com a expressão formulada pelos governos autoritários brasileiros: “uma terra sem povo para um povo sem terra”, fortalecendo a concepção colonial predominante

no Estado e nos grandes grupos econômicos. Estes sempre olharam para a Amazônia como *res nullius*, coisa de ninguém, disponível à sanha da exploração e espoliação em nome do desenvolvimento capitalista, reduzindo as

comunidades indígenas, ribeirinhas e quilombolas, entre outras, a um espaço onde não poderiam falar nem ser ouvidas.

Uma materialização da concepção *res nullius* e da miopia estatal brasileira,



BANANAL NA ÁREA DE PLANTIO NA COMUNIDADE DO JATUARANA. FOTO: LINDOMAR DE JESUS

em 1970, foi quando áreas localizadas da região do Puraquequara, na Margem Esquerda, zona rural do município de Manaus, foram

cedidas para Centro de Instrução de Guerra na Selva (CIGS), na década de 1960 e, mais recentemente, os governos federal, estadual e municipal, além de empresas estrangeiras, tentaram construir o Polo Naval da cidade de Manaus¹.

O CIGS passa a controlar o território, onde viviam as comunidades tradicionais, bloqueando o acesso e a interação com a natureza, impedido o cultivo e a livre circulação pela floresta, igarapés, rios e lagos. Entre as comunidades afetadas pela imposição das normas do CIGS está a do Jatuarana, uma entre as mais de vinte com influência direta do

Exército Brasileiro.

Essa relação começa mudar em 2009, quando as comunidades ribeirinhas passam a organizar-se e buscar aliados para lutar pelo direito a terra, com a entrega da concessão de direito real de uso resolúvel (CDRUR) à comunidade de São Francisco do Mainá e depois a todas as outras envolvidas. Essa vitória ocorreu por meio de uma intensa mobilização de ribeirinhos de diferentes comunidades, iniciada no Lago do Puraquequara e à margem esquerda do Rio Amazonas, com articulação com o Ministério Público Federal, a Comissão Pastoral da Terra e a Caritas Arqu-



REUNIÃO ORDINÁRIA NA COMUNIDADE DO JATUARANA COM A PRESENÇA DOS REPRESENTANTES DA CARITAS ARQUIDIOCESANA DE MANAUS E EMBRAPA. FOTO: LINDOMAR DE JESUS

diocesana de Manaus.

Essa luta pelo direito ao Território e a conquista do CDRUR reforçou o reconhecimento da tradicionalidade, do direito ao território das comunidade pelo Exército, representando o Estado brasileiro, com o pressuposto de que para qualquer exercício realizado nas áreas seja necessária a anuência das comunidades.

Superada a luta por território, a comunidade do Jatuarana começou a mobilizar-se para produzir alimentos e acessar políticas públicas. Para isso, fortaleceu a parceria com a Caritas Arquidiocesana e buscou parceira com a Embra-pa, e, assim implantou projeto de produção de mandioca, banana, açaí e cacau. Para fortalecer a incidência da comunidade junto ao poder público, criou, em 2018, a Associação de Agricultores Familiares da Comunidade Ribeirinha e Tradicional do Jatuarana (AAF CRTJ). ■



COMUNIDADE JATUARANA. FOTO CILA REIS

1. Segundo informação divulgada no G1-AM (2013), o projeto do Polo Naval do Amazonas, no Lago do Puraquequara, conforme informação colhida junto ao secretário de Estado de Planejamento e Desenvolvimento Econômico do Amazonas (Seplan-AM), Airton Claudino, o porto poderia movimentar R\$ 1 bilhão por ano. O projeto prevê que “o distrito naval deve ocupar uma área de 38,8 quilômetros localizada na região do Puraquequara, na Zona Leste de Manaus”. A “instalação de dois grandes estaleiros, seis estaleiros de médio porte e outros 60 de pequeno porte” poderia fazer a “indústria naval do Amazonas, que emprega atualmente com 12 mil pessoas e hoje é a terceira maior geradora de emprego do país neste segmento”, uma das maiores do país. O Ministério Público Federal (2017), que acompanha o projeto, seguindo o “entendimento da Corte Interamericana de Direitos Humanos, segundo a qual, quando um empreendimento tende a gerar impactos significativos sobre o modo de

vida de comunidades indígenas e tradicionais, estas não apenas devem ser ouvidas” como também possuem “o direito de decisão final sobre a viabilidade do empreendimento”. A ação do MPF fez com que a instalação do empreendimento fosse “suspensa por meio de sentença da Justiça Federal no Amazonas, enquanto não houver a realização de consulta prévia, formal, livre e informada aos povos tradicionais da região”, como também a “suspensão havia sido determinada em caráter liminar, em maio de 2014, após o pedido do Ministério Público Federal no Amazonas (MPF/AM) em ação civil pública e confirmada com a sentença judicial”. A Nota do MPF ainda lembra que a “Justiça também anulou o decreto que declarou de utilidade pública áreas para a implantação do polo. O Estado do Amazonas não recorreu da decisão, o que gera o reconhecimento da obrigação de realizar as consultas nos moldes de Convenção 169/OIT”.

Racismo, sexualidade e eleições: “Não subestimem a capacidade de pensar do nosso povo”

FERNANDA ESTIMA E ISAÍAS DALLE



FOTO: ACERVO PESSOAL

Que as aparências não enganem. O brilho e a alegria de Ruth vêm ornados de muita seriedade, reflexão e disciplina, forjadas na luta pela transformação do Brasil. “Ruth Venceremos é um convite: vem ser você. Vem ser. Não é sobre meritocracia. É sobre sonhos, é sobre a gente se organizar e fazer, como diria o poeta, o que será”, diz ela.

Ruth é pedagoga, for-

mada pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, e participou da fundação do Coletivo LGBTQIA+ Sem-Terra, numa trajetória marcada pela luta em prol da liberdade e da aceitação dentro dos próprios acampamentos e assentamentos do MST.

“Se o movimento quer tanto um território livre do agronegócio, do agrotóxico, ele não pode

Um menino que se monta. Essa é a história de Ruth Venceremos, drag queen que despertou para a política e assumiu publicamente sua sexualidade ao longo de sua militância no MST, onde chegou com a mãe e 11 irmãos após a primeira infância de escassez e de fome.

prescindir de fazer um território livre de preconceito e discriminação”, explica.

Ela sonha agora com uma ocupação drag ampla, que chegue ao Congresso Nacional, ao Palácio do Planalto. Filiada ao PT-DF, Ruth Venceremos diz que essa ocupação só fará sentido se vier ancorada na experiência da

luta por justiça social. E diz que temas considerados “espinhosos”, como a pauta antirracista e LGBTQIA+ não devem ser temidos por causa da lógica eleitoral. “Muitas vezes subestimamos a capacidade de pensar do nosso povo”, adverte.

“É sobre esses sonhos que temos de subir a rampa e fazer uma ocupação drag, ajudando um projeto político que seja verdadeiramente popular, devolvendo ao povo o direito humano de sonhar”.

Acompanhe:

Conte quando nasce a Ruth Venceremos.

Sou uma drag queen, ou seja, eu sou um menino, um jovem que performo, que me valho da arte para poder mandar uma mensagem para a sociedade. Em primeiro lugar eu sou esse artista, e Ruth Venceremos, como artista, nasce num seminário sobre diversidade sexual no MST, em que reunimos os LGBT sem-terra. Ali surgiu o nome. Mas a persona veio a público pela primeira vez duran-

te o Carnaval de 2016. Quer coisa melhor do que nascer no Carnaval? Ruth nasce do Carnaval de Brasília – pois é, em Brasília temos um carnaval potente, popular. Mas eu nunca descolo a Ruth Venceremos do Erivan, dessa pessoa que performa a Ruth. O Erivan tem toda uma trajetória política que potencializa a Ruth, à medida que a Ruth ajuda a humanizar o próprio Erivan.

Você veio de Pernambuco, sua família era da área rural. Eu gostaria que você relatasse esses dois momentos: sua chegada em Brasília e sua trajetória anterior. Há relatos inclusive de trabalho escravo. Quantos anos você tem?

O artista não tem idade, né, mas tudo bem, já que você perguntou...

Você parece muito jovem.

Eu tenho 37 anos. Eu venho de uma trajetória que reflete um pouco a trajetória de parte da população brasileira. Assim como a maioria, nasci em uma família pobre, marcada com muitas ausên-

cias de alimentação, mas também de acesso a uma série de políticas públicas. Eu venho lá do Nordeste, Pernambuco, da região do sertão. Aos 13 anos eu ingressei no MST junto com a minha família (Ruth hesita, emocionada). Eu não gosto, eu não costumo... Não é que eu não gosto, mas é que me toca muito... Um pouco de tudo o que eu sou, eu devo muito, muito ao MST. Eu, como boa parte das crianças brasileiras, eu tive que ajudar minha família, desde muito cedo, desde os sete anos. Eu venho de uma família de 12 irmãos, a gente ajudava na roça. Minha família morava numa fazenda, e houve a construção de uma hidrelétrica, e acabamos tendo de ir para a cidade. Ao chegar lá, minha mãe com 12 filhos, então desde muito cedo a gente teve de trabalhar, embora nossa mãe sempre tenha garantido que a gente estudasse em meio às dificuldades. Dos 12, nem todo mundo conseguiu terminar o ensino médio. Eu tenho a honra de pelo menos ter feito a universidade. Fomos atravessados

por muitos processos, uma criança ter de trabalhar como doméstica aos dez anos de idade, engraxate, uma série de coisas, para ajudar a família. E quando o MST chegou à região, em 1995, foi uma oportunidade para minha família para construir um outro mundo, uma nova realidade. Ingressei em 1998 no movimento, aos 13 anos, quando a minha família foi de vez morar num acampamento. A militância não foi uma opção, era o único caminho que eu tinha de lutar pela minha família e por meus pares. Ao chegar ao acampamento, fui desafiado, junto com outros jovens, a ensinar quem não sabia ler nem escrever. Essa é uma das coisas mais lindas, da qual me orgulho: contribuir também com um processo de alfabetização aos trabalhadores sem-terra.

Como você consegue juntar a sua arte, que também faz parte da sua existência e da sua trajetória, com a formação de militantes novos? Como você enxerga que sua presença influencie na geração de novas mentalidades?

Desde quando eu cheguei ao MST aconteceu esse contato direto com a educação. Primeiro, isso tem a ver com a realização de um sonho, desde criança eu queria ser professor. Porque para nós, pessoas pretas do interior, pelo menos para a minha geração, ou você era professor ou era comerciante, era o possível. Então, ao mesmo tempo que era um desejo, porque eu acredito que educar é uma das artes mais lindas da humanidade, que potencializa o processo de formação humana, era o que eu conseguia sonhar mais próximo. Minha trajetória no movimento foi sendo marcada por isso mesmo, fazendo os cursos na área da educação, atuei como alfabetizador de jovens e adultos. E fomos aprendendo no movimento a olhar para a educação como esta ferramenta de apropriação do conhecimento, mas também como uma ferramenta de humanização. Eu não acredito em educação só como uma dimensão do conteúdo. Educação é sobretudo sobre relações. Nós não nos fazemos

sozinhos nem nos informamos sozinhos. Então a escola é um potencial, porque acaba sendo nesse lugar que residem interesses comuns, não interesses privados. Enquanto a família é um núcleo privado, a escola é esse espaço de encontro. Foi isso que me fez essa pessoa que eu sou, com esse pé na educação. E eu sempre tive um pezinho na arte. Eu potencializei isso na Ruth Venceremos, porque eu entendi que a arte drag tem condições de dialogar com a sociedade. Muitas vezes o Erivan, chegando com seu discurso militante tradicional, não entraria em alguns lugares. Eu tive experiências riquíssimas aqui em Brasília de trabalhar com jovens em escolas, alguns jovens estavam no sistema socioeducativo, e a gente vê que tem esse potencial, de que a mensagem chega e é escutada. Quando eu me montei pela primeira vez eu disse: 'Aqui tem uma comunicadora. Aqui tem sobretudo uma educadora'.

Como você entende sua militância?

Eu sou militante em defesa da vida. Isso tem a ver com a gente tomar posição sobre as coisas que acontecem na vida. Muitas vezes, a militância vai acontecer num partido político, no movimento popular organizado, em um sindicato, no movimento social, mas também a gente tem de olhar e acreditar que há novas formas de fazer a militância. Aposto muito na juventude, que canta, declama em defesa da vida. Como a gente faz essas formas de defesa da vida conectarem-se com um projeto político? E esse projeto político fundamentalmente deve ter a capacidade de olhar o ser humano em sua totalidade, em sua inteireza, e não pela metade. Por isso, quando tentam nos pregar a peça de que isso é uma luta identitária, eu refuto. Trata-se de uma luta em defesa da vida, e eu não posso olhar para a classe trabalhadora e não perceber como ela é. Essa classe tem cor, tem sexualidade. Eu não posso descolar essas questões, que têm a ver com a vida das pessoas. Por isso mui-



FOTO: ACERVO PESSOAL

tas pessoas se espantam e às vezes querem só que a gente faça um debate de uma luta antipatriarcal ou antirracista. Queremos debater economia, por exemplo. Nós não queremos só ser convocados para fazer o debate da racialidade ou sobre a diversidade. Nós somos muito mais.

O MST, pelo menos a partir das lideranças nacionais que emergiram desde os primórdios do movimento, passa a imagem de muita seriedade, muita disciplina. Aí surge você, como uma das fundadoras do coletivo LGBT Sem-Terra. Como foi essa luta, esse trabalho? O MST parece mais libertário do que podíamos supor...

Isso é bem engraçado, é muito curioso. As pessoas

costumam ver exatamente desse jeito, como um movimento sério, essa coisa toda. E é um movimento sério. Em geral, a sociedade vê o camponês como o lugar do atraso, muito conservador. Mas de que trabalhador você está falando? De um indivíduo só, solto no campo? Ou você se refere também a um processo de organização coletiva desses trabalhadores para lutar por terra, para lutar pela reforma agrária popular? Você acredita que a nossa base social está muito mais à frente dos nossos militantes, nossos dirigentes, em relação a alguns debates? Eu fui uma criança veada, uma bicha. Eu andava no meu acampamento, no meu

assentamento... Tinha gracinhas? Tinha. Uma piada aqui e outra acolá. Mas eu e meus colegas, a gente não estava nem aí. Porque nós entendíamos que o acampamento, igual ao assentamento, é um espaço de liberdade. Nós fomos aprendendo isso na prática. Eu sempre fui uma pessoa gay, minha família sempre soube, apesar de todo mundo querer levar para igreja, aquela coisa toda. Mas a gente nunca falou diretamente, quando eu era criança nunca falei. Foi no espaço coletivo em que eu falei pela primeira vez. E por que será? Porque eu sentia que a coletividade é um espaço de acolhida, que eu poderia ser acolhido. É óbvio que todo mundo já sabia, mas ao trazer à tona isso, houve o preconceito também, mas, veja, não foi no ambiente familiar, foi no espaço coletivo que eu me senti acolhido. E fomos aprendendo com próprio MST. Eu venho de uma geração de muita disciplina no movimento, de que a gente não abre mão. Se a gente quer alcançar um objetivo, se a gente não

tem disciplina, a gente não consegue dar passos firmes. A disciplina é um princípio fundamental no nosso movimento. E foi na disciplina que nós fomos também ocupando o MST com esse debate. Nós sempre estivemos no MST, na sua origem já tinha pessoas LGBT no movimento. Assim como as mulheres estavam desde o início no movimento. Mas o processo de a gente se posicionar para o debate articulado com a reforma agrária popular é muito recente, enquanto LGBTQIA+. As mulheres têm mais tempo e tradição no movimento. E nós chegamos a esse ponto porque, como eu disse, eu cheguei aos 13 anos, ajudei na construção e fomos alçando alguns postos-chaves. Nós éramos muitos e diversos. Continuamos a sofrer a piada, a gracinha, que são formas de desumanização. E aquilo foi nos incomodando, muitos de nós pensamos em sair do MST. Mas nós não vamos sair, vamos discutir nas instâncias do movimento. E foi assim que nós nos organizamos.

Mas, curioso, nós primeiro tivemos experiências e diálogo com a base. No Ceará, o primeiro seminário realizado foi com os trabalhadores diretamente, para debater o respeito à diversidade, porque havia muitos LGBTQIA+ nos acampamentos e assentamentos. Porque nós estamos presentes, nós estamos ajudando a construir o movimento, mas não podemos continuar sendo vítimas de nenhum tipo de discriminação. Se o movimento quer tanto um território livre do agronegócio, do agrotóxico, ele não pode prescindir de fazer um território livre de preconceito e discriminação. Por isso que eu digo, o MST é mesmo de uma práxis transformadora, mantendo os objetivos para os quais nasceu, a luta pela terra, pela reforma agrária popular e pela transformação da sociedade.

Você acredita que no campo da política institucional, e nós estamos em ano de eleição, esse debate e a presença de Ruth Venceremos podem interferir positivamente? Muita gente tem medo,

“não vamos colocar certos temas em pauta, porque pode atrapalhar a eleição”. Qual a sua esperança em relação a isso?

Olha, eu acho bom a gente lembrar que em 2018 o atual presidente foi eleito combatendo nossos corpos, e pessoas negras, e pessoas LGBTQIA+, numa estratégia de mentiras que surtiu efeito. E em alguns momentos a gente via parte da esquerda muito “ah, não, não, não vamos mexer que é um tema espinhoso”. Até quando nós vamos negociar a nossa humanidade, a humanidade da maioria da população brasileira, que são as pessoas negras? Não vamos encarar esse debate porque tem um genocida no poder que se vale dessas pautas para nos atacar? A gente não pode fugir desse debate. Não digo que é centralidade, porque a centralidade, em primeiro lugar, é a gente estar vivo. E para estar vivo, se alimentar é um pressuposto fundamental. Passa essencialmente por fazer um debate econômico, não estou falando apenas de

um debate vinculado ao sistema financeiro, não, estou falando de como a gente organiza e distribui a riqueza nesse país. É sobre isso a economia, e tem gente passando fome. Mas nós temos de encarar esse debate em algum momento, se a gente também não o enfrentar com a verdade, estaremos endossando as mentiras dele. A política institucional é uma arena importante, e termos pessoas negras e LGBTQIA+ disputando, por si só, já é valoroso. Ainda mais quando for ancorado na luta política popular, coletivamente, para combater o aniquilamento de nossa existência. As nossas lutas nascem em um campo, e não é no campo da direita, não é numa perspectiva liberal. Eu acredito que 2022 será um bom ano. Nós temos um Congresso Nacional que não espelha o povo brasileiro, maioria de homens e de pessoas brancas. Nós temos apenas quatro LGBT's no Congresso. Eu não acredito nesse Congresso Nacional. É na contra-mão dessa lógica que nós devemos lutar. Como

dizia Paulo Freire, nosso futuro é uma questão de opção política, ética, estética, que não separa nossa decisão de intervir no mundo. O momento é agora, de ocupar tudo, ocupar geral.

Você sabe que no mundo da maquiagem, o Brasil é considerado um excelente resolvidor de problemas, pelas nossas questões estruturais, falta de dinheiro. Ser drag queen no Brasil é diferente de ser drag queen nos Estados Unidos, onde há um aparato enorme de materiais. Aqui nós fazemos muita gambiarra. Eu queria saber, de quem já viveu debaixo de lona e tem orgulho disso, como é se montar num acampamento do MST?

Boa pergunta. Nos perguntam sempre se são produtos agroecológicos que a gente utiliza, se é um barro especial para poder fazer um retoque. Como drag, mesmo, boa parte da minha experiência foi no espaço urbano. O movimento tem várias drag queens que estão em acampamentos, que vivem em assentamentos. Eu vim para Brasília em 2015 e assumi al-

gumas tarefas aqui, mas nós temos obviamente experiência de ir para algumas localidades e ter que se montar. Eu acho que a questão é menos a maquiagem, eu acho que o desafio, o frio na barriga, é no encontro com o povo, sabe, com os trabalhadores. É no sentido de ver a reação, de ver se de fato nós somos corpos livres nesses espaços. Recentemente estive num acampamento do MST aqui em Brasília, para mim foi muito emocionante porque é um acampamento de lona preta, barraco, eu disse que ali eu estava voltando para um lugar de origem, a minha morada, a porta de entrada na militância. E eu fiquei muito feliz porque a recepção foi muito boa. Porque a gente sempre se questiona: como é que o trabalhador vai entender? Eu aprendi uma coisa neste movimento, há muito tempo: às vezes a gente subestima a capacidade do nosso povo pensar, de processar algumas coisas, e para mim foi muito importante esse retorno a um acampamento do

movimento, montada né, porque desmontado eu sempre fui, mas montada, o olhar dos trabalhadores não era um olhar de reprovação, alguns um olhar de curiosidade, muitos chegavam espontaneamente, cumprimentavam. A grande lição pra mim foi essa: que a gente subestima a capacidade de entendimento do nosso povo. Aí, no final, eu tive de fazer um discurso, e eu também sempre joga uma gracinha, falo aquela coisa formal, mas faço uma gracinha pra descontrair. Mas, no final, as pessoas vieram me abraçar, eu pensei: "Cara, nós estamos no caminho certo". Eu me lembro de uma atividade que eu fiz com as escolas aqui no DF. Eu, drag queen, fui discutir sobre sexualidade com crianças e adolescentes. A primeira pergunta que eu fiz, depois de eles e elas se apresentarem, foi: 'Eu sou Ruth Venceremos, e eu sou uma...?' Eu abri pra dizerem o que eu era: uns disseram: 'você é um travesti, você é uma trans, você é uma drag queen'. E simplesmente um menino de 10 anos que estava

mais ao fundo gritou: "Você é gente". E ao dizer isso eu fiquei tomada por uma emoção, porque aquela criança devolvia para mim a dignidade que todos os dias é saqueada, que todos os dias é confiscada por essa sociedade que tem preconceito por ser LGBTQIA+ e o preconceito por ser uma pessoa preta. E eu saí dali pensando que a gente subestima a capacidade do nosso povo pensar. Primeiro, aquelas crianças e adolescentes tinham um vocabulário, seja trans, travesti, drag, isso fazia parte do universo delas em alguma medida. Então é sobre isso, é sobre a gente poder acreditar mais no ser humano.

Você imagina como seria emoção de uma drag subindo a rampa do Palácio ou aportando na Câmara dos Deputados?

Eu penso nisso todo dia. Primeiro, eu não quero passar pelo mundo como alguém que passou, eu quero deixar uma marca. E não é sobre mim, eu tenho dito. A história da Ruth Venceremos não é só sobre a Ruth, não é só

sobre o Erivan. É sobre uma legião de pessoas que permanentemente sofrem com o apagamento histórico, ausência de representatividade. E a gente não quer discutir a representatividade pela representatividade. Não basta ser um gay, preto, para ocupar esse espaço de poder. Na minha compreensão é preciso que essas representações sejam substantivas, no quadro de um projeto político maior, que é transformação desse mundo. Porque senão não me interessa ter pessoas lá que são contra cotas raciais, por exemplo. Por isso eu tenho dito: eu sonho todos os dias. A gente vê um processo muito lindo de ocupação drag no Brasil. É na TV, nos espaços políticos, nos movimentos. Isso ajuda a educar uma geração. Por isso que eu sonho com uma drag subindo a rampa. Amparada por mandatos coletivos. Eu estou falando da população preta, dos LGBTQIA+. Eu estou falando daqueles que querem amar e não têm o direito de amar neste mundo. Eu estou falando daqueles que não

têm nem o direito de sonhar. Nós precisamos recuperar o direito de sonhar. Esse é o pressuposto para a gente continuar existindo. Agora, se a gente continua imerso na fome e na miséria, não tem o que sonhar. A fome corrói não só o nosso estômago, corrói os nossos sonhos. Por isso temos de lutar por alimento, por emprego, mais que emprego, trabalho. É sobre esses sonhos que temos de subir a rampa e fazer uma ocupação drag no Congresso Nacional e ajudando um projeto político que seja verdadeiramente popular, devolvendo ao povo o direito humano de sonhar.

Você se chama Ruth Venceremos, já está no plural. É coletiva sua militância unida à arte. Você tem algum plano mirabolante, milagroso, para que a gente faça acontecer a ocupação drag queen no Congresso? Porque, realmente, falta um pouco de brilho lá.

Que mais Ruths Venceremos se coloquem nas fileiras, na luta por justiça social. E isso passa por nos organizarmos,

porque sem organização a gente não vai chegar lá. Eu aprendi isso no movimento: ocupar exige planejamento. Nada é espontâneo. A gente precisa se organizar e se formar, e quando digo formar, trata-se obviamente de adquirir teoria, mas desenvolver diversos instrumentos de formação na relação com o outro e pressupõe a terceira questão, que é a luta. A luta é imprescindível, e por isso a gente tem de se organizar, se formar e travar lutas. Para fazer sentido uma ocupação drag no Congresso Nacional. Porque se a gente não estiver imbuída da luta popular, será mais uma pessoa de um discurso lindo, sem uma base de sustentação. Que uma drag queen que chegue ao Congresso esteja ancorada na mobilização e na luta popular e não se esqueça de onde veio. Ruth Venceremos é um convite: vem ser você. Não é sobre meritocracia, é sobre sonhos, a gente se organizar e fazer, como diria o poeta, o que será.



Na luta por moradia, MPM cria modelo sustentável de ocupação

ROSE SILVA

ASSEMBLEIA NA COMUNIDADE TIRADENTES. FOTO: ACERVO MPM



O Movimento Popular por Moradia (MPM) luta por condições dignas de habitação e uma vida sustentável na região metropolitana de Curitiba (PR), onde se esconde uma enorme desigualdade social por trás das imagens que aparecem nos cartões postais. Atua em ocupações na Cidade Industrial de Curitiba, em Piraquara, São José dos Pinhais e

no município de Campo Magro e já realizou dezenas de atos de resistência para manter as conquistas das populações que conseguiram um teto a partir de sua participação no movimento.

Atuante desde 2008, o MPM foi formalizado em 2011 para participar do Fórum Resistência Urbana, organizado pelo MTST de São Paulo. Um ano depois, realizou a sua primeira ocupação, Nova Primavera, na Cidade Industrial de Curitiba. Com o tempo, surgiram outras na vizinhança, como a 24 de março, a Tiradentes, a D. Cida e a Nova Primavera 2, que se transformaram em um complexo de

cinco comunidades, com 2.500 famílias.

Segundo um de seus fundadores, o professor Paulo Bearzoti, em cima de Curitiba construiu-se o maior mito urbano do Brasil: o da cidade modelo. “Claro que existe uma região que é modelo, mas ela oculta na periferia uma enorme desigualdade, como qualquer outro lugar do país. Nosso movimento surgiu

para dar visibilidade essa população que vive tantos problemas no seu dia-a-dia. Atuamos mais especificamente sobre a questão da moradia porque é em cima de suas urgências que as pessoas se organizam e lutam nos territórios”, afirma.

Ele lembra que em sua militância pessoal montou um cursinho popular na Vila Torres, que é uma ocupação próxima ao

centro da cidade. “Desde 2007 tínhamos a ideia de que precisávamos realizar uma ocupação, porque havia um problema muito sério de falta de moradia e também um mito de que não se ocupava mais em Curitiba, quando na verdade a cidade tem uma história antiga de ocupações, em vários bairros, desde a redemocratização. Mas depois deu-se um hiato, um período de 15 anos, e a gente tinha vontade de quebrar essa lógica”.

Valdecir Ferreira da Silva, um dos coordenadores do MPM, nasceu e viveu sua vida toda em ocupações, mas sua história no movimento começou mesmo em 2012, com a Nova Primavera, quando decidiu, além de conquistar uma casa própria, lutar por esse direito também para outras famílias.

Ele relata que recebeu logo no início da pandemia o pedido de apoio de uma mobilização em Campo Magro. Seguiu para lá com outros companheiros e juntos iniciaram a comunidade Nova



ASSEMBLEIA NA COMUNIDADE TIRADENTES. FOTO: ACERVO MPM

Esperança, que abrange uma área de 43 alqueires e aloja 1.200 famílias, quase seis mil moradores.

Nesses dois anos, criaram espaços comunitários como biblioteca,

“Claro que existe uma região de Curitiba que é modelo, mas sua periferia oculta uma enorme desigualdade, como qualquer outro lugar do país. Nosso movimento surgiu para dar visibilidade essa população que vive tantos problemas no seu dia-a-dia.

cozinha, padaria, salas de aula, ginásio para esportes, cultura e lazer, campo de futebol, creche, com fornecimento de água e rede de energia já instalada. “Um dos principais problemas, de difícil solução, nas ocupações, é o esgoto. Aqui, em pouco mais de um ano solucionamos isso ao adotar o sistema de fossa ecológica, uma tecnologia herdada do Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST), conta.

O MPM revitaliza espaços que já estão criados e abandonados, como é o caso da Nova Esperança, que é uma referência do ponto de vista ecológico porque nada foi desmatado. Lá se adota um estilo

O MPM revitaliza espaços que já estão criados e abandonados, como é o caso da Nova Esperança, que é uma referência do ponto de vista ecológico porque nada foi desmatado. Lá se adota um estilo de vida sustentável, no qual tudo é reaproveitado.

de vida sustentável, no qual tudo é reaproveitado.

Logo no início da ocupação, houve uma reunião do MPM com representantes do MST do Paraná para consolidar uma aliança que já existia desde as primeiras ocupações. Essa parceria se dá pela distribuição de alimentos

à comunidade a cada colheita e pelo fornecimento semanal de 600 marmitas ao moradores.

Além disso, o MST oferece suporte jurídico e se prepara para levar 500 militantes até lá para realizar o primeiro ato conjunto dos movimentos rural e urbano.

Muitas pessoas trabalham fora da comunidade, o que acaba por se tornar um grande desafio. Para facilitar a administração, os moradores organizam-se por setores, cada um com determinado número de casas, com coordenadores por setor, uma coordenação geral e ainda o pessoal de apoio, que é responsável pelo trabalho voluntário. Assim funcionam espaços como as bibliotecas, cozinha e outros.

Foram também criados coletivos de esporte, educação, cultura, saúde e limpeza. O lixo reciclável não vai para a lixeira, é recolhido pelos coletores, um em cada setor, separado e classificado. Restos de comida e cascas de legumes são reaproveitados, seguindo os passos do MST. Alguns resíduos são vendidos, o que possibilita concretizar um projeto ecológico e sustentável.

“Nós criamos um novo formato de ocupação. Se você andar por aqui, verá que temos mais árvores do que casas. Há uma mescla de ambiente rural com urbano, e a partir daqui estamos estendendo o mesmo padrão a outra comunidade, tentando acertar o que erramos e mantendo o que deu certo”, conclui Valdecir. ■

INCÊNDIO CRIMINOSO NA COMUNIDADE 29 DE MARÇO, EM 7 DE DEZEMBRO DE 2018.. FOTO: ACERVO MPM



Quando novas personagens entram em cena

ALEXANDRE XANDÓ, VITÓRIA DA CONQUISTA (BA)



FOTO: ARQUIVO PESSOAL

O advogado e professor Alexandre Xandó é o mais jovem vereador da cidade de Vitória da Conquista (BA). Eleito pelo PT, iniciou sua militância no movimento estudantil na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), onde se formou e cursa doutorado em Memória, Linguagem e Sociedade.

Como outros entrevistados desta seção *quando Novas personagens entram em cena*, Xandó, hoje com 32 anos, é fruto das tentativas de criminalização da política e das ações da direita para deslegitimar a esquerda brasileira, que culminaram no golpe de 2016. Ou seja, ele faz parte da geração que disse não ao reacionarismo e à perseguição das demandas populares. E segue junto com as periferias da cidade. Que continuem chegando muitos outros e outras.

Acompanhe a entrevista:

Por que você decidiu ser parlamentar? Como iniciou sua atividade política?

Eu venho da militância no movimento estudantil, em 2010, quando fui do Centro Acadêmico de Direito e DCE da UESB. Nesse período conheci a Consulta Popular, participei de um Estágio de

Vivência, por meio do qual morei um mês em assentamentos do MST em Sergipe, e participei da fundação do Levante Popular da Juventude. A partir daí, nossa inserção na vida política e social na cidade foi se ampliando, trabalhando com jovens do hip hop nas periferias, palestras em escolas, ao mesmo tempo que comecei a cumprir tarefas estaduais e nacionais em minha organização. Em 2015 nosso grupo chegou a cogitar a possibilidade de lançamento de candidatura, mas quando vimos o golpe que estava em curso, compreendemos que era necessário centrar forças em candidaturas do campo popular, pois já prevíamos que a esquerda iria sair muito fragilizada daquele processo. Nós continuamos na luta e na militância, eu comecei a advogar para sindicatos e movimentos sociais, fui presidente da Comissão de Direitos Humanos da OAB, concluí meu mestrado e me tornei professor universitário. Essa inserção profunda na sociedade, somada à

minha atividade cultural de ser capoeirista e ter sido músico, fez com que nossa candidatura representasse o anseio de uma parcela da população que não se sente representada. O resultado foi ter sido eleito já na primeira tentativa, alcançando a segunda maior votação da cidade, com 2.932 votos.

Como é ser um vereador originário dos movimentos sociais em sua cidade?

É algo que tem modificado a dinâmica da política municipal e regional. Geralmente os mandatos de vereador atuam em torno de seus guetos eleitorais e pautas específicas. Já a gente fala de tudo e vai

em todo lugar. Enquanto a lógica predominante é de pensar em quantos votos aquela pauta pode trazer, nós movimentamos nosso mandato pensando em quais processos de conscientização, organização popular e luta por direitos nós podemos construir. Eu não sou de ficar no ar condicionado do gabinete, meu dia a dia é dentro das periferias e zonas rurais levantando demandas e cobrando soluções junto com o povo. Sempre que posso estou incentivando que aconteçam manifestações e participando delas, pois acredito que nesses momentos de luta o povo passa a ser mui-



FOTO: ARQUIVO PESSOAL/FACEBOOK

to mais consciente de seu papel e deixa de ser dependente dos representantes indiretos – que são os políticos. Pode parecer até incoerente, mas nós buscamos cotidianamente dar as condições para que o povo dependa menos do meu trabalho e tenha condições próprias de garantir suas conquistas.

Dos seus planos para o mandato, acha que tem conseguido cumpri-los?

Sendo bem sincero, acho que a gente não sabia direito o que viria pela frente. A atividade parlamentar é muito diferente do que nós vemos de fora e depende de variáveis como ser maioria ou minoria na Câmara, ser do lado do prefeito ou ser de oposição, ter ou não padrinhos políticos (como deputados) que ajudem seu mandato. No nosso caso, eu sou oposição, minoria na Câmara (somos 5 de 21), e não tenho padrinho político. A gente costuma dizer que nosso mandato é feito com cuspe e giz (risos). Então nossos planos de mandato foram

adaptados nesse início, e focamos em realizar trabalho de base nas periferias e residenciais do Minha Casa Minha Vida, levantando as demandas e mobilizando a população para lutar por seus direitos. Nessa perspectiva, considero que somos muito vitoriosos no que nos propomos.

Entre esses planos, qual a prioridade número 1, qual considera a demanda mais urgente?

A luta por moradia. Uma das nossas maiores bases eleitorais foi o povo que luta por terra e por moradia, e, com o avanço da crise socioeconômica que a direita brasileira nos impôs a partir do Golpe de 2016, a cada dia que passa, mais gente não tem onde morar ou não habita em residências dignas.

Qual tem sido sua maior dificuldade até o momento no exercício do mandato? Qual o segmento social que te apoia e qual tem se oposto?

Nosso mandato é muito plural, e temos forte apoio da juventude

(estudantes, jovens trabalhadores/as, do hip hop e esportes radicais), terreiros de candomblé e umbanda, pessoas LGBTQIA+, moradores de condomínios do Minha Casa Minha Vida, assentamentos da reforma agrária e ocupações urbanas, grupos de capoeira e professores/as (de todos os níveis da educação pública e privada). Consequentemente, temos como opositores aqueles que são contrários a toda essa diversidade e uma parte das elites mais atrasadas de nossa cidade. A partir disso, a cada movimento que nós fazemos de denúncia ou reivindicação por direitos, os ataques nas redes sociais e na tribuna da Câmara se tornam mais frequentes e pesados, o que acaba nos abalando de certa forma. Contudo, temos aprendido na prática que nossa maior retaguarda é o povo!

Em comparação com os parlamentares mais experientes, que novidade você quer apresentar na sua forma de trabalho?

Nós temos trazido para



FOTO: ARQUIVO PESSOAL

a Câmara alguns debates que nunca aconteceram, como por exemplo uma audiência pública sobre a população em situação de rua, na qual lotamos o plenário com nossos irmãozinhos e lhes demos a voz para denunciar as mazelas pelas quais eles passam. Outro exemplo foi quando indicamos para receber a homenagem do 8 de março uma mãe de santo transexual (Mãe Paloma de Oxóssi) e no dia dos pais um casal de homens gays (os professores Adriano e Edinaldo). Além disso, percebemos que nos interiores do Brasil, os vereadores utilizam muito pouco a via judicial, e até pela minha formação, temos explorado bastante esse recurso. Recentemente conseguimos uma importante vitória para os Povos de Terreiro.

Após manejarmos uma Ação Civil Pública, uma decisão judicial liminar obrigou a Prefeitura a parar de cobrar IPTU e ITR dos templos de religiões de matriz africana. Essa imunidade tributária só vinha sendo respeitada para as igrejas, em um claro caso de racismo institucional e religioso.

Conte-nos um episódio recente que tenha te marcado, positiva ou negativamente.

Nestes 15 meses de mandato já passamos por muita coisa, mas recentemente uma denúncia que fizemos ganhou projeção nacional. Nossa cidade, Vitória da Conquista, foi fortemente atingida pelas chuvas no final de 2021, e houve um processo de solidariedade e muitas doações. Ocorre que no mês de fevereiro

deste ano recebemos a informação de que ainda existia um ginásio e um galpão cheios de roupas, colchões, alimentos, enquanto pessoas que perderam suas casas não tinham recebido nada. Fizemos um vídeo que teve mais de 100 mil visualizações nas redes sociais e a partir disso a prefeitura acelerou a entrega dessas doações, fazendo de fato chegar a quem precisava. Temos a certeza de que muita gente que não tinha o que comer naquela semana teve um alento em decorrência de nossa atuação.

O que você diria para os jovens que pensam em seguir carreira política?

Questione, reivindique, organize-se em coletivos e lute pelos seus direitos. A eleição para um cargo político acaba sendo consequência de uma atuação social reconhecida pelo povo. E a política eleitoral é importante, mas ela jamais será maior do que o povo consciente e em movimento. ■

Ocupação dos espaços de poder e propostas feministas para os desafios

Desde o início de 2020, o Reconexão Periferias realiza programas para discutir os temas mais diversos relacionados à periferia e à pandemia, além de dialogar com organizações, coletivos e movimentos sociais de todo o

país. Durante o mês de março de 2022 realizamos programas com temáticas relacionadas à última edição da Revista Reconexão Periferias: “Fortalecer a luta das mulheres para vencer batalhas de 2022”.

Os encontros ocorreram quinzenalmente, sempre às terças-feiras às 17h, horário de Brasília, no canal do [youtube da Fundação Perseu Abramo](#) e na [página do Facebook](#)

Confira os programas de março e acesse o canal da Fundação Perseu Abramo para assistir:

Dia 08/03/2022: 8 de março, dia internacional das mulheres - “O século 21 espera pra nascer” - com Maria Marighella

Dia 22/03/2022: Por uma política econômica feminista e periférica - com Lígia Toneto

PROGRAMA 8 DE MARÇO - 17H

8 DE MARÇO, DIA INTERNACIONAL DAS MULHERES
MARIA MARIGHELLA: “O SÉCULO 21 ESPERA PRA NASCER”

MARIA MARIGHELLA
vereadora do PT em Salvador, atriz e neta de Carlos Marighella

ACOMPANHE: [f/fundacao.perseuabramo](#)
[FundacaoPerseuAbramo](#)

PROGRAMA 22 DE MARÇO - 17H

POR UMA POLÍTICA ECONÔMICA FEMINISTA E PERIFÉRICA

LÍGIA TONETO
economista e secretária estadual de Juventude do PT/SP

ACOMPANHE: [f/fundacao.perseuabramo](#)
[FundacaoPerseuAbramo](#)

Fernanda Ribeiro



FOTO: DANILO BATISTA

Residente na cidade de Botucatu, Fernanda Ribeiro é afroindígena, multiartista e multidisciplinar. Iniciou sua carreira aos 13 anos e até hoje vem construindo sua própria linguagem no meio artístico. Produz com base em diversas experiências durante sua trajetória: música, dança contemporânea, experimentações cênicas, performances com enfoque de um corpo político em cena, terapias corporais complementares e meio ambiente. É cantora autoral, com-

positora e percussionista das bandas Macumba Groove e Cafuá. Também integra o núcleo de dança Maya-Lila, é produtora artística local e faz parte da gestão coletiva do espaço cultural Mirante das Artes de Botucatu.

Recentemente lançou sua carreira como cantora solo, com sua composição musical e videoclipe chamado Fênix (2021). Inspirada em suas experiências de vida, tem como referência uma mistura musical baseada em ritmos tocados pela negritude, como também o movimento hip hop, boom bap, R&B soul, anos 80/90 e seus enfrentamentos políticos, sociais, raciais e artísticos.

A artista, também evoca no seu trabalho a ideia de fomentar, dar voz e espaço para a participação ativa das manas e monas pretas e não brancas compositoras e intérpretes com seus trabalhos autorais, encarando os desafios da carreira profissional, apontando sempre para o despertar de novas perspectivas, influenciando as mudanças de hábitos e de inspiração para todes apreciadores de composições autorais com letras libertadoras e de resistência.

Fênix – Fernanda Ribeiro

Eu descobri que meu corpo fala

Diz pra mim, não para!

Estou aqui conectando

Sintonia traz cura, abre portas profundas

Quebra corrente, rasga as vendas

Pro mais belo florescer.

“Mente aberta coração pulsante

Sangue quente e olhar vibrante”

Participações:

Fernanda Ribeiro: Cantora, compositora, produção e direção geral

Guilherme Chiappetta: Produção, mix e master

Carlos Alberto - B8: Beat base

Kiko Bonato: Piano e Teclado

Thiago Righi: Guitarra

Júlia Medina: Voz refrão

Samuel Luis Borges: Arte da capa

Susy Paste: Preparadora vocal

PÁGINAS OFICIAIS:

Facebook: www.facebook.com/fernandaribeiro.btu/

Instagram: www.instagram.com/fernandabtu/

[Youtube](#)

[Spotify](#)

Rodolfo Minari

O paulista Rodolfo Minari foi advogado e bancário até 2009, quando se mudou para o Acre, onde desde então reside e trabalha exclusivamente com arte. Levou música, teatro e cinema itinerantes a aldeias, quilombos, seringais e pequenas localidades do Acre e a países vizinhos. Compositor, lançou 5 álbuns musicais independentes nos quais retrata de forma lúdica a espiritualidade e a natureza. Fundou em 2015 a editora 3 Serpentes, pela qual publicou diversos autores e autoras do Acre e São Paulo. Realizador dos projetos Poesia de rua do Acre em zines (2 edições) e Poesia da cidade de Rio Branco em zines, por meio dos quais já foram publicados mais de 40 poetas, em cerca de 20 zines.

FOTO: ACERVO PESSOAL

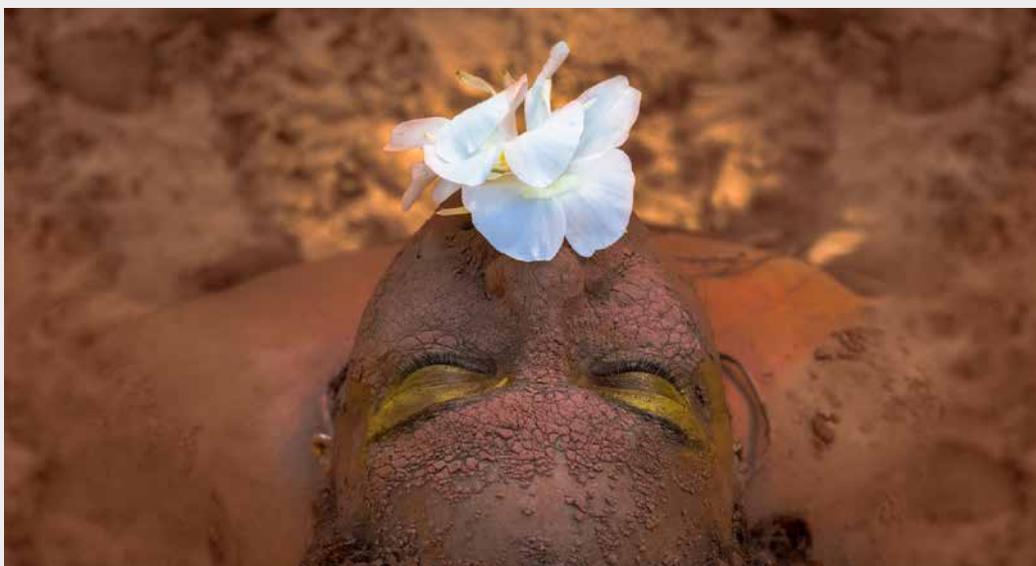


FOTO: LARA CHANGS

CRIA

A vida passa pelas mãos,
Chega no coração
De quem sabe cuidar

Semente que cair num chão
De terra boa
Breve há de germinar

Chegar à luz, nascer pro sol,
Correr o mundo e
Retornar à mãe

Asas pra voar,
Motivos pra voltar...

Ah, viver de amor
Perder o sono,
Não ser mais só um

Dar tudo de si
E não deixar secar a fonte
Em momento algum

Zelar, regar todos os dias
Com lágrimas, se precisar

Asas pra voar,
Motivos pra voltar pra casa.

DANÇA DE OXUM

Oxum, protege as crianças
Trabalha com força guerreira
Oxum firmou sua dança
Nas águas da cachoeira

Redes sociais
Instagram:
@iranimsaile
@editora3serpentes

AGENDA DE ABRIL DE 2022

Tendo em vista a necessidade de permanecer em casa devido à pandemia mundial de Covid-19, a agenda deste mês será destinada à divulgação de programações online:



Programa Quinzenal Reconexão

Periferias Terça- feira, às 17h (horário de Brasília). No canal da Fundação Perseu Abramo: www.youtube.com/FundacaoPerseuAbramo

Live Utopia Negra Amapaense

O perfil atual da classe trabalhadora no Amapá - Convidades: Benedita Sardinha, Welliton Brasil e José Simão
Data: 15/04/2022 às 18h
Onde: Transmissão no Facebook do Utopia Negra: <https://facebook.com/UtopiaNegraAP/>

Programa Voz da Mulher

produzido pela Associação Mulheres na Comunicação - Rádio Web Mulheres na Comunicação
www.mulheresnacomunicacao.com/
Aos sábados, às 8h, retransmitido de segunda a sexta-feira: 6h, 13h, 19h e 23h. O programa está disponível no Spotify, Google Podcasts, Apple Podcasts e Anchor, no canal "Mulheres na Comunicação"

Rodas de conversa | Literatura e migração contemporânea

Livro: Quarto de despejo | Autora: Carolina Maria de Jesus
Data: 16/04/2022 e 17/04/2022 às 15h
Onde: Museu da Imigração do Estado de São Paulo - R. Visc. de Parnaíba, 1316 - Mooca, São Paulo - SP

SLAM da Cratera

Data: 17/04/2022 às 16h
Onde: Espaço do Mirante (Antiga rádio do Vargem Grande) - Parelheiros - São Paulo, SP

Slam Delas

Data: 20/04/2022 às 19h
Onde: Online; mais informações sobre inscrições em: <https://www.facebook.com/slamluso>

Slam Mirim

Data: 23/04/2022 às 16h
Local: Biblioteca Mário de Andrade - R. da Consolação, 94 - São Paulo, SP

Slam da Guilhermina

Data: 29/04/2022 às 19h
Onde: Praça anexa à estação Guilhermina-Esperança - São Paulo, SP

Oficina teatral para pessoas trans e travestis

Data: entre 26/04/2022 e 01/05/2022 das 14h às 17h
Onde: Centro Cultural Benfica, R. Benfica, 157 - Madalena, Recife - PE
Mais informações [aqui](#)

Fórum Social Mundial

Data: entre 26/04/2022 e 30/04/2022

Onde: Porto Alegre, RS

Informações em: <https://fsmjd.org/>

Peça infantojuvenil Ladeira das

Crianças TeatroFunk. - Grupo Rosas Periféricas - Data: 29/04/2022 às 14h
Onde: Centro de Educação e Cultura Indígena Jaraguá - R. Comendador José de Matos, 386 - Vila Clarice, São Paulo - SP

Peça infantojuvenil Ladeira das

Crianças - TeatroFunk. - Grupo Rosas Periféricas - Data: 29/04/2022 às 16h
Onde: Biblioteca José Mauro de Vasconcelos - Pça. Comandante Eduardo de Oliveira, 100 - Parque Edu Chaves - São Paulo, SP.

Peça infantojuvenil Ladeira das

Crianças - TeatroFunk. - Grupo Rosas Periféricas - Data: 30/04/2022 às 15h
Onde: Fundação Casa de Taipas - Rua Ilha da Juventude, 518, Taipas - São Paulo, SP.

Sarau da Antiga 28 com: Grupo

Rosas Periféricas - Gabriela Cerqueira, Michele Araújo, Monica Soares, Paulo Reis e Rogério Nascimento.- Data: 30/04/2022 às 19h - Onde: Sede do Grupo Rosas Periféricas - Rua Redução de Guarambaré, 39 - Parque São Rafael (ZL) - São Paulo, SP
Duração: 2 horas. Classificação: Livre.

Batalha da Trilha

Data: 30/04/2022 às 12h
Onde: Fábrica De Cultura Brasilândia - Av. General Penha Brasil, 2508 - Brasilândia, São Paulo, SP

Raça e racismo na experiência de pessoas negras que vivem com HIV/AIDS - MNU Pernambuco

Data: 30/04/2022 às 9h

Onde: [aqui](#)

Espectáculo: CÁRCERE ou Porque as Mulheres Viram Búfalos

Companhia de Teatro Heliópolis
Temporada: 12/03/2022 a 05/06/2022; sexta e sábado às 20h, e domingo às 19h

Onde: Casa de Teatro Maria José de Carvalho - Sede da Cia. de Teatro Heliópolis - Rua Silva Bueno, 1533, Ipiranga. São Paulo/SP

Ingressos: Pague quanto puder (público em geral) e Grátis (estudantes e professores de escolas públicas). Ingressos online: [Sympla](#)

OPORTUNIDADES

Edital	Foco	Prazo	Link
Criola realiza consulta pública para mapear movimentos e organizações brasileiras voltadas à justiça racial e criminal	A proposta é conhecer quais organizações têm atuado com incidência política ou mesmo prestado apoio assistencial, jurídico e psicológico para a população. Como resultado do mapeamento, Criola pretende ampliar o diálogo com a sociedade civil sobre estratégias na luta contra o racismo sistêmico direcionado especialmente à mulheres negras cis e trans.	Até 30 abril de 2022	https://criola.org.br/consulta-publica-de-criola-ira-mapear-movimentos-e-organicoes-brasileiras-voltadas-a-justica-racial-e-criminal/
Fundo Social Elas+	O Edital Aliança Negra Pelo Fim da Violência apoiará as incidências coletivas em: racismo institucional e genocídio da população negra; violência contra mulheres negras e pessoas trans negras(es); e a produção de comunicação antiviolença racial. Além disso, visa fortalecer o protagonismo, o ativismo e as iniciativas lideradas ou coordenadas por mulheres negras e/ou pessoas trans negras(es), ainda que elas atuem em organizações mistas (com homens negros e mulheres negras).	Até 21 de abril de 2022	http://fundosocia-las.org/aliancane-gra/
Prêmio Conceição Evaristo de literatura da mulher negra	Poderão concorrer mulheres, cis e transgênero, com mais de 18 anos, que se autodeclarem negras, residentes no município do Rio de Janeiro. Cada concorrente poderá participar com apenas uma obra na categoria Conto e duas obras na categoria Poesia	Até 24 de abril de 2022	https://capta.org.br/oportunidades/edital-da-agua-mosaic/

33º edital PPP-ECOS	A chamada apoiará projetos comunitários que busquem ampliar a resiliência das paisagens no Cerrado com foco em ampliar a sustentabilidade de territórios de comunidades e alternativas de produção. O edital dará ainda atenção especial a iniciativas de produção e disseminação de conhecimento, como processos de formação, publicações e ações em rede	Até 29 de abril de 2022	https://capta.org.br/oportunidades/33o-edital-ppp-ecos-recebe-inscricoes/
Edital IKI Small Grants	O edital busca projetos de organizações que trabalham no enfrentamento às mudanças climáticas e na conservação da biodiversidade. Podem se inscrever organizações sem fins lucrativos que estejam operando por pelo menos três anos.	Até 15 de abril de 2022	https://capta.org.br/oportunidades/edital-iki-small-grants-esta-com-chamada-aberta/
2º Edital Doce - Modalidade 1	O presente Edital tem como objetivo selecionar e apoiar, com recurso financeiro da Fundação Renova, projetos inéditos ou iniciativas já existentes apresentados por pessoas físicas, microempreendedores, coletivos e grupos informais, organizações sem fins lucrativos e empresas atuantes nas áreas da Cultura, Turismo, Esporte e Lazer nos municípios previstos no Anexo I	Até 29 de abril de 2022	https://prosas.com.br/editais/10857-2o-edital-doce-modalidade-1-selecao-de-projetos-sociais-de-promocao-da-cultura-turismo-esporte-e-lazer
2º Edital Doce - Modalidade 2	O presente Edital tem como objetivo selecionar e apoiar, com recurso financeiro da Fundação Renova, organizações, entidades, microempreendedores, coletivos e grupos informais, sem fins lucrativos e empresas atuantes nos municípios de Minas Gerais e Espírito Santo	Até 29 de abril de 2022	https://prosas.com.br/editais/10862-2o-edital-doce-modalidade-3-selecao-de-projetos-para-a-reparacao-das-referencias-culturais

OPORTUNIDADES

<p>2º Edital Doce - Modalidade 3</p>	<p>O presente Edital tem como objetivo selecionar e apoiar, com recurso financeiro da Fundação Renova, projetos inéditos ou iniciativas já existentes apresentadas por pessoas físicas, microempreendedores, coletivos e grupos informais, organizações sem fins lucrativos e empresas atuantes nas áreas ligadas ao patrimônio cultural nos municípios de Minas Gerais</p>	<p>Até 29 de abril de 2022</p>	<p>https://prosas.com.br/editais/10862-2o-edital-doce-modalidade-3-selecao-de-projetos-para-a-reparacao-das-referencias-culturais</p>
<p>7º Prêmio Ayrton de Almeida Carvalho de Preservação do Patrimônio Cultural de Pernambuco</p>	<p>Poderão concorrer, neste edital, ações realizadas/concluídas entre os anos de 2019 a 2021 ou que estejam em andamento até a data final do período de inscrição no presente certame, nas diversas áreas e linguagens culturais como artes cênicas, artes visuais e fotografia, audiovisual, cultura popular, design e moda, música, gastronomia, povos tradicionais, arquitetura e urbanismo.</p>	<p>Até 12 de abril de 2022</p>	<p>https://prosas.com.br/editais/10576-7o-premio-ayrton-de-almeida-carvalho-de-preservacao-do-patrimonio-cultural-de-pernambuco</p>
<p>Aliança Regenerativa</p>	<p>Somos diversas organizações socioambientais que, solidárias frente ao sofrimento em Brumadinho, decidiram criar o Fundo Regenerativo Brumadinho. e agir de forma unificada, como sociedade civil, em prol da regeneração de toda a extensão da área afetada, banhada pelo rio Paraopeba. Aceitamos projetos provenientes da comunidade atingida ou iniciativas da sociedade civil em resposta ao crime ambiental do rompimento da barragem do Córrego do Feijão. Pessoas, grupos, coletivos, associações de bairro e qualquer organização da sociedade civil que tenham interesse, experiência e talentos para somar ao processo de apoio a Brumadinho e Paraopeba.</p>	<p>Inscrições contínuas</p>	<p>https://prosas.com.br/editais/6298-alianca-regenerativa</p>

<p>Programa de Aceleração de ONGs</p>	<p>A Phomenta, aceleradora de ONGs, está com a pré-inscrição aberta para os seus programas de aceleração. Organizações da Sociedade Civil de qualquer parte do país podem se inscrever e receber em primeira mão as informações quando cada programa abrir inscrições. Os programas de aceleração visam transformar a gestão da organização em um curto espaço de tempo, entre 5 e 7 meses, com ferramentas práticas e conteúdos dinâmicos. São apresentados temas diversos como captação de recursos, priorização, identificação e resolução de problemas, inovação, empreendedorismo e como conseguir parceiros.</p>	<p>Inscrições contínuas</p>	<p>https://prosas.com.br/editais/6486-programa-de-aceleracao-de-ongs</p>
<p>VBIO em busca de projetos</p>	<p>Podem se candidatar iniciativas focadas em temáticas como segurança alimentar, agricultura regenerativa, qualificação profissional de agricultores familiares e agroextrativistas, produtividade agrícola e geração de renda. Plataforma está em busca de projetos nos municípios: Paragominas/PA, Porto Velho/RD, Itacoatiara/AM, Comodoro/MT, Confresa/MT, Paranatinga/MT e São José do Xingu/MT.</p>	<p>Inscrições contínuas</p>	<p>https://www.vbio.eco/</p>